

**UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE PSICOLOGIA**

HEBER DOS ANJOS MENDONÇA

**SUBJETIVIDADE E A “SERVIDÃO VOLUNTÁRIA” NOS TEMPOS
CONTEMPORANEOS: UM OLHAR A PARTIR DE BOÉTIE, FREUD E
BAUMAN**

São Paulo
2018

**SUBJETIVIDADE E A “SERVIDÃO VOLUNTÁRIA” NOS TEMPOS
CONTEMPORANEOS: UM OLHAR A PARTIR DE BOÉTIE, FREUD E
BAUMAN**

Heber Dos Anjos Mendonça

Aluno do Curso de Graduação em Psicologia

Orientador: Prof. Ms. Fabio Pinheiro

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado à Universidade
Brasil, como parte dos requisitos
necessários para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

São Paulo
2018

RESUMO

Este artigo vê como objetivo refletir sobre os impactos nas redes sociais e dos meios de comunicação e sua dinâmica nas nossas relações interpessoais e como estas mudam nossas perspectivas. Na avaliação dessas mudanças, realizamos uma pesquisa bibliográfica extraindo de várias áreas do conhecimento - a Psicanálise, a Sociologia e a Filosofia para o entendimento e esclarecimento de maneira possam refletir a respeito das mudanças vividas nas relações humanas nos tempos de hiperconectividade e como esses padrões de comportamento interagem com nossa subjetividade.

Palavras-chave: Subjetividade, Psicanálise, Servidão Voluntária, Modernidade Líquida.

1. INTRODUÇÃO

O que nos seduz na servidão? Talvez essa fosse a pergunta mais atual sobre a obra de Boétie (1548). Porque nós obedecemos sem nos questionar e fazemos tudo de bom grado? O questionamento é engendrado em uma época onde o tirano se aproveita da liberdade de escolha dos seus súditos e por força de decretos, obriga-os as suas vontades, os quais se voluntariam a elas. Citando grandes governantes de um passado distante, costura suas idéias sem explicitar ou evidenciar governantes de sua época, o qual faz com maestria, pois como sabemos, os riscos de propagar idéias que iam contra o governo ou a igreja eram temerosas. Boétie (1548), sobre essa questão, nos descreve que:

Há uma coisa que os homens, não sei por que motivo, não têm sequer força para desejar: É a liberdade, bem tão grande e tão agradável que, quando se perde, todos os males sobrevêm, e sem ela todos os outros bens, corrompidos pela escravidão, perdem inteiramente o gosto e o sabor. Os homens só desdenham a liberdade, ao que parece, porque a teriam se a desejassem, como se se recusassem a fazer essa bela aquisição somente porque ela é fácil de mais. (Boétie, 1548, p. 29).

Como então a servidão faz parte de nós, é Freud (1914/1939) quem vai dizer em seus textos mais sociais da Psicanálise e que na verdade, todas as teorias formuladas por ele estão em volta à servidão de um ponto de vista libidinal. Servidão do corpo a serviço do prazer, o hedonismo, a cura total, a homeostase psíquica e Freud (1927), neste aspecto, interpretou como não sendo possível.

Como novo modelo de relação, o sociólogo Bauman (2000) aponta para um futuro o qual já estamos inseridos onde ele nomeia através da metáfora da água e sugere que nossa modernidade é líquida, como a água, carente de forma e como a água, se adapta ao meio. Hoje podemos perceber que a idéia de subjetivo está bem distante do que é, permitindo que a subjetividade perca o significado se tornando apenas uma abstração mental sem, portanto ter a estrutura necessária para poder valorar a parte significativa.

O presente artigo tem como objetivo apontar a subjetividade e a servidão voluntária, a partir de um olhar na perspectiva de três autores, sendo eles, Boétie (1548), Freud (1914/1939) e Bauman (2000).

Igualmente, trazer a tona, reverberações do texto de Boétie (1548) encontradas nos textos de Freud (1914/1939) e Bauman (2000), tecendo, mesmo ainda de maneira breve, o conceito de subjetividade formulado por Freud e reforçado por Bauman (2000), aja vista que nossa realidade em tempos líquidos, as relações dos humanos são sociais e virtuais por isso, ganham um novo espectro relacional.

Foi utilizada no processo uma revisão teórica descritiva, fazendo assim o entrelaçamento das idéias dos diferentes autores, em diferentes áreas do saber e em épocas distintas.

1.1. BOÉTIE E A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Étienne De La Boétie, nascido na região do Périgueux, ao sul da França, em 1530, escreveu uma obra para criticar a sociedade da época, não focando nos governantes, mas sim nas pessoas inseridas nesse contexto, pois para esse autor:

É o próprio povo que se escraviza e se suicida quando, podendo escolher entre ser submisso ou ser livre, renuncia à liberdade e aceita o julgo; quando consente com seu sofrimento, ou melhor, o procura. (BOÉTIE, 1548, p. 28).

Segundo Boétie, (1548), um tirano sempre se vale da amizade, acercado de pessoas próximas para obtenção de favores ou angariar algo em seu favor. Ele escreve de forma a não manchar seu nome com o Rei da França, Henrique II, ou qualquer outro, pois sabia que se vinculasse uma crítica ao governo, atacaria a igreja indiretamente aja vista a mulher de Henrique II ser Catarina de Médici e poderia influenciar um julgamento contra Boétie (1548) perante o clero já que seu tio avô foi o Santo Papa Clemente VII. Boétie (1548) então toma emprestado da literatura Greco-Romana, vários exemplos de como os tiranos se perpetuam no poder e como persuadem os tiranizados que parece não se darem conta se estão em condições de escravos ou não. Se tomarmos como ponto de partida um exemplo do império antigo, veremos que a grande maioria dos imperadores e conquistadores foram cruéis, sádicos, maliciosos e usaram desse artifício e da bondade ou maldade de outros para, tomar o poder ou permanecer no poder. Boétie (1548) exemplifica com vários governantes, mas quero aqui destacar Nero, que colocou fogo em Roma,

colocando a culpa nos cristãos e após isso, perseguiu-os. Para galgar ao trono, sua mãe, Agripina menor, envenena o próprio marido, tio de Nero o qual aos 16 anos é conclamado pelo senado como seu quinto imperador; embriagado, dá um pontapé na barriga de sua mulher, a qual estava grávida, morrendo dias depois; a despeito de tais crueldades, o próprio senado o colocou lá porem, foi esse mesmo senado que o deportou, e Nero se suicidou logo após sua fuga com a chegada da guarda pretoriana. Isso tudo foi assistido por um povo que se deleitava nas festas de Nero, tendo Sêneca como seu conselheiro.

Hoje não vejo ninguém que, ao ouvir falar de Nero, não trema à simples menção a esse monstro abominável, a essa besta fera horrenda e imunda. Entretanto, pode-se dizer que depois da morte, tão asquerosa quanto sua vida, desse incendiário, desse carrasco, dessa besta selvagem, o nobre povo romano sentiu tanta tristeza, ao se lembrar de seus jogos e banquetes, que quase chegou a vestir luto. (BOÉTIE, 1948, p. 48).

Podemos observar então que, um poder venenoso e encantador revoavam nas mentes daquela época em que nem a identificação, tão pouco a subjetividade eram trabalhados de maneira efetiva como as conhecemos hoje. Ele destaca ainda que não seja necessário agir com violência ou algo do gênero para que o governante dominador cesse seu estigma; basta que os dominados não obedeçam e por si só a tirania se dissolve.

1.2. FREUD: UMA VISÃO PSICANALÍTICA SOBRE A PSICOLOGIA DAS MASSAS

Nesse tratado escrito por Freud, de ordem social, o autor defende que as pessoas, em grupo, perdem sua individualidade em nome da identificação com os outros membros do grupo e seus ideais, além de regredirem a uma condição primitiva da mente, pois passariam a agir por instintos, dando vazão aos desejos até então reprimidos. Freud (1921) começa a provocação com três perguntas: O que é um grupo?; Como o grupo pode adquirir a influência mental do indivíduo?; e Qual sua natureza? Uma investigação neste sentido é justa para compreender como muitos dos conceitos originais do pensamento freudiano são atemporais e contribuem para o entendimento de questões atuais, pois para este:

É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (FREUD, 1921, p. 1)

E aqui se faz necessário entender como Freud (1921) concebe um agrupamento humano. Ele se questionou a respeito deste assunto no texto de 1921, "A psicologia das massas e análise do Eu" e procurou respostas nas idéias de Le Bon e McDougall, para entender a formação de um grupo. A característica mais marcante de um grupo psicológico destacada por Le Bon é a transformação da mente individual em uma mente coletiva, pois em grupo os indivíduos pensam, sentem e agem diferente de quando estão isolados, perdendo suas características individuais e adquirindo novas características, deixando-se levar muito mais pela emoção do que pela razão.

A sugestão e o contágio são descritos por Le Bon como as causas pelas quais um indivíduo se modifica num grupo, sendo o prestígio, o poder misterioso que um líder tem, aparecendo como fator de adesão neste grupo. Freud (1921) enxerga nessas novas características adquiridas pelos indivíduos em grupo como a manifestação do inconsciente e indaga sobre o elemento de união de um grupo que não é revelado por Le Bon, que poder misterioso teria um líder? Freud (1921) diz ainda que tudo que resta como peculiar no pensamento de Le Bon são as duas noções do inconsciente e da comparação com a vida mental dos povos primitivos. A citação de Le Bon abaixo revela o destaque de Freud (1921) dado a seu pensamento:

Pouco dadas ao raciocínio, as multidões mostram-se, em contrapartida, muito aptas para a ação. A organização atual torna poderosa a sua força. Os dogmas, que hoje vemos surgir, depressa hão de ter o poder dos velhos dogmas e ficarão investidos da força tirânica e soberana que os colocará ao abrigo de qualquer discussão. (Le Bon, 1895, p. 6).

Na obra "A psicologia das massas e análise do Eu" Freud (1921) aproxima a psicologia individual da psicologia social, pois identifica sua teoria exposta no mito do pai primevo, descrito em "Totem e Tabu" de 1912/13, que explica os mecanismos de funcionamento da mente humana, dentro dos agrupamentos humanos, assim a expectativa de Freud (1921) era provar que são os laços libidinais que caracterizam um grupo. Desta forma é importante destacar que a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto, no caso o líder que representaria o pai primevo da horda primeva.

A psicologia de um grupo, assim como a conhecemos a partir das descrições a que com tanta freqüência nos referimos, o definhamento da personalidade individual consciente, a focalização de pensamentos e sentimentos numa direção comum, a predominância do lado afetivo da mente e da vida psíquica inconsciente, a tendência à execução imediata das intenções tão logo ocorram: tudo isso corresponde a um estado de regressão a uma atividade mental primitiva, exatamente da espécie que estaríamos inclinados a atribuir à horda primeva. (FREUD, 1921, p. 34).

Toda a explanação de Freud (1921) a respeito da formação de grupo é relacionada aos mesmos mecanismos de funcionamento da mente, como se tanto individualmente quanto em grupo o ser humano esteja sob os mesmos efeitos inconscientes provocados pelo conflito eterno entre satisfação do ego, através da manifestação dos desejos e a necessidade de identificação e aceitação, reprimindo estes desejos que são condenados pelas regras morais de convivência social, correlacionando com o complexo de Édipo, explicitando ainda o que acontece nos dois gêneros.

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. (FREUD, 1921, p. 22).

Portanto numa escala de evolução psicológica os indivíduos regridem quando estão em grupo por deixarem aflorar toda sua personalidade inconsciente voltando a um estado primitivo, atribuindo essa causa originaria no complexo de Édipo.

1.3. O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, O PARADOXO DAS PULSÕES

Nos parágrafos introdutórios de *O Mal-Estar na Civilização*, Sigmund Freud (1930) tenta compreender o fenômeno espiritual chamado de “sentimento oceânico” – o sentido de infinitude e unidade sentido entre o ego e o mundo exterior. Este sentimento é “um fato puramente subjetivo, e não um artigo de fé”, (FREUD, 1930, p.14). Ele não indica uma lealdade a uma religião específica, mas em vez disso aponta para a origem do sentimento religioso de seres humanos. Igrejas e instituições religiosas são hábeis em canalizar esse sentimento em sistemas de crenças, mas não podem criá-lo.

Com base apenas nesse sentimento oceânico, alguém poderia considerar-se religioso, ainda que rejeitasse toda fé e toda ilusão. (FREUD, 1930, p. 15).

Em geral, o ego se percebe com a manutenção de “linhas nítidas e claras de demarcação” com o mundo exterior. Esta distinção entre interior e exterior é uma parte crucial do processo de desenvolvimento psicológico, permitindo ao ego reconhecer uma “realidade” separada de si mesmo. Após resumir sua pesquisa anterior, Freud retorna à questão do “sentimento oceânico”, achando pouco convincente como uma explicação para a origem do sentimento religioso dos seres humanos. Em vez disso, de acordo com Freud (1930), é um desejo de proteção paterna na infância que continua sustentando na vida adulta um “medo do poder superior do Destino.”

Quanto às necessidades religiosas, parece-me irrefutável a sua derivação do desamparo infantil e da nostalgia do pai despertada por ele, tanto mais que este sentimento não se prolonga simplesmente desde a época infantil, mas é duradouramente conservado pelo medo ante o superior poder do destino. (FREUD, 1930, p. 25).

Um antagonismo para com a civilização se desenvolveu quando as pessoas concluíram que apenas uma redução das exigências – em outras palavras, a retirada das imposições da sociedade – levaria a uma maior felicidade.

Freud (1930) define a civilização como a soma total das realizações humanas e regulamentos destinados a proteger homens contra a natureza e ajustar suas

relações mútuas. O passo decisivo em direção à civilização reside na substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade. Esta substituição, doravante, restringe as possibilidades de satisfação individual nos interesses coletivos da lei e da ordem.

[...] eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes. Essa busca tem dois lados, uma meta positiva e outra negativa; quer a ausência de dor e desprazer e, por outro lado, a vivência de fortes prazeres. No sentido mais estrito da palavra, “felicidade”, se refere apenas à segunda. (FREUD, 1930, p. 30, aspas do autor).

Mesmo que uma das principais finalidades da cultura humana seja a de vincular impulsos libidinosos de cada homem aos dos outros, ao amor e a civilização, eventualmente, eles entram em conflito uns com os outros. Freud (1930) identifica várias razões diferentes para este antagonismo mais tarde. Por um lado, unidades familiares tendem a isolar-se e impedir que os indivíduos se desprendam e amadureçam por conta própria. Civilização também solapa a energia sexual, desviando-a em empreendimentos culturais. Ela também restringe escolhas de objetos de amor e mutila nossas vidas eróticas. Tabus (por exemplo, contra o incesto), leis e costumes impõem mais restrições.

Freud (1930) argumenta que o antagonismo da civilização em relação à sexualidade surge da necessidade de construir um vínculo comum com base em relações de amizade. Se a atividade da libido fosse autorizada a correr desenfreada, é provável que destruiria o amor da relação monogâmica do casal que a sociedade tem endossado como o mais estável.

1.4. BAUMAN E A MODERNIDADE LÍQUIDA

O livro *Modernidade Líquida*, escrito por Zygmunt Bauman (2000) retrata a mudança da sociedade sólida para a líquida. Sua liquidez faz com que ela seja mais bem adaptada aos meios, preencha um ambiente, que com a mesma facilidade se esvai deste local, para assim tomar outra forma. Ao contrário da solidez, que não consegue preencher um ambiente que não seja de sua forma. A sociedade moderna líquida não se fixa a um espaço ou tempo, sempre dispostos a mudanças e livres para experimentar algo novo. Manter uma forma fixa não é tão fácil como simplesmente tomar nova forma, e tomar nova forma é fonte de força e

invencibilidade, se adapta ao ambiente e tira o melhor dele para si, depois parte para a próxima forma. Com isso, as formas de poder na sociedade estão sendo realocadas e redistribuídas, e os objetos não duráveis tomam conta e a durabilidade já não tem mais o mesmo valor.

Essa modernidade pesada/sólida/condensada/sistêmica da “teoria crítica” era impregnada da tendência ao totalitarismo. A sociedade totalitária da homogeneidade compulsória, imposta e onipresente, estava constante e ameaçadoramente no horizonte – como destino último, como uma bomba nunca inteiramente desarmada ou um fantasma nunca inteiramente exorcizado. (BAUMAN, 2000, p. 36).

As diversas famílias se deparam com moldes diferentes e valores invertidos. Claro que essa mudança traz valores novos e modelos novos para a sociedade. Portanto, o seu nível de fluidez vai determinar sua inserção na sociedade, nos meios, nos grupos e tribos, sendo esta então a sua arma na conquista do espaço.

A vida moderna impõe a mudança do sólido para o líquido. No primeiro capítulo, Bauman (2000) traz o conceito de emancipação, que é tornar-se livre, independente. Ser liberto é se libertar daquilo que nos impede de movimento, e sentir-se livre é não ter empecilho para se movimentar. Diz que devemos nos emancipar da sociedade, nos tornar livre da sociedade. Contudo, o ser deve ser livre para se movimentar se livrando daquilo que tira a liberdade de movimento. Portanto deve tomar seu estado líquido. Entretanto, esta liberdade traz conseqüências. Seria ela uma benção ou uma maldição?

Tais questões assombraram os pensadores durante a maior parte da era moderna, que punha a “libertação” no topo da agenda da reforma política e a “liberdade” no alto da lista de valores – quando ficou suficientemente claro que a liberdade custava a chegar e os que deveriam dela gozar relutavam em dar-lhe as boas-vindas. (Bauman, 2000, p. 28).

Liberdade traz à possibilidade de fazer tudo aquilo que deseja, mas do outro lado, há responsabilidade por seus atos. Mas nem sempre este é o empecilho. Esta fluidez proporcionada às pessoas fez com que as mesmas pagassem o preço por ter aquilo que mais desejassem: a liberdade de poder estar de maneira que anteriormente a sociedade fosse criminalizar ou penalizar a pessoa por suas escolhas. Todos querem a liberdade para fluir e tomar seus lugares diversos e mudar constantemente

e, portanto, deixaram de indagar os porquês de cada situação. Na modernidade a crítica não é bem recebida. Aceita tudo o que se tem e o que lhes é oferecido, pois já tem sua liberdade ganha. As críticas se transformam em reflexões e questionamentos.

2 DISCUSSÃO

Segundo o dicionário Larousse Cultural (1999), subjetividade é o caráter do que é subjetivo, que, por sua vez, diz respeito ao sujeito definido como ser pensante, como consciência, por oposição a objetivo. De fato, a subjetividade engloba todas as peculiaridades imanentes à condição de ser sujeito, envolvendo as capacidades sensoriais, afetivas, imaginativas e racionais de uma determinada pessoa. Toda pessoa é uma complexa unidade natural e cultural. Mais que um corpo com funções biológicas e psicológicas com capacidades de transformar o seu meio pelo trabalho e pela linguagem, o ser humano é uma unidade de necessidades, desejos, sentimentos, angústias, temores, imaginários, racionalidades e paixões. Da mesma forma, não podemos considerar o homem apenas como um animal racional. Também não podemos reduzir a subjetividade a uma dimensão meramente cognitiva, a uma consciência, desconsiderando todas as demais facetas da complexa interioridade de cada um.

Ficou evidente que a liberdade é um dom natural e que a tirania não pode ser qualificada como sendo imposição das leis da natureza. Apenas os tiranos procuram justificar suas existências mostrando como sendo natural à hierarquia, o mando, a subordinação e a servidão negando todas as possibilidades da existência de uma sociedade cooperativa. Estamos vivendo um momento em que o poder tirânico estruturou todo um mecanismo de dominação fazendo com que o homem seja formatado para servir e que em sua consciência não exista espaço para pensar nas possibilidades da liberdade. Nós nos esquecemos e não estão vendo que a atual sociedade está sendo fundada na servidão, na heteronímia e na inconsciência dos valores humanos. Hoje, a maior responsabilidade do ser humano deve ser no sentido de mostrar aos jovens que a estrutura de nossa sociedade é a servidão controlada por uma minoria que governa de forma a satisfazer os seus próprios

interesses. Opondo a tirania que constrói um mundo virtual, temos que cultivar o ideal da liberdade e da sociedade cooperativa.

Neste ponto de vista onde a servidão é o tema chave entre os autores vemos que a liberdade – palavra que não aparece em Freud (1921) – é deixada de lado como se fosse um bem nato da humanidade.

As análises teóricas de Freud (1914/1939) causaram uma verdadeira inquietação da burguesa entre o particular e o público, o indivíduo e a sociedade, revelando as raízes objetivas da dinâmica interna do indivíduo e da subjetividade. Suas análises constituem no seu conjunto uma postulação que pretende desvendar o sentido do que aparentemente não se vê, do que não se sabe e do que não se sabe que sabe, ou seja, a subjetividade.

De acordo com os escritos de Freud (1914/1939), estudar a subjetividade é postular de início que a “vida subjetiva” não é o reino do absurdo, do obscuro, da impossibilidade do saber. A “vida subjetiva” é objeto possível de compreensão racional. A vida psíquica não é autônoma, independente e absoluta frente à realidade objetiva que, da mesma forma, não o é com relação à subjetividade.

Através de seus procedimentos, Freud (1927) pôde captar e revelar que, apesar de os processos psíquicos e culturais fundamentais serem universais e condicionais à humanidade, esses processos são subordinados às condições particularmente históricas e singulares individuais. Deste modo, ele admite que os mecanismos pelos quais os processos e as exigências civilizatórias se constituem são subjetivos.

A despeito de Freud (1930) não distinguir entre cultura e civilização, Bauman (2000) compõe o indivíduo, dotado de subjetividade, inserido dentro de uma cultura e que faz parte de uma determinada civilização e que dentro dessa ótica podemos observar a fluidez das relações, modificadas através dos avanços tecnológicos ofertados pelo próprio homem e em adição a isso, exige que o indivíduo tenha mais campo de escolhas, fragilizando o trabalho do super-Eu que regula os atos de caráter subjetivos do Eu e do Isso.

Se por um lado o homem medieval é visto por nós como homem constante, enraizado, fixo e – empregando a metáfora de Bauman (2000) – sólido, por outro o indivíduo moderno aparece como ser fragmentado, perdido em suas escolhas, sem raiz, líquido, que se adapta facilmente ao meio, mais não contém uma forma, sendo

escravo de si mesmo, estabelecendo um parâmetro relacional de poder entre o indivíduo e o meio em que vive.

A subjetividade então vem de encontro ao outro, assim com Agripina menor, que queria o poder, empurrou o filho Nero para um beco sem saída, sem escolha, assim como é a dicotomia entre Eu e o isso, assim são também as relações dessa modernidade fluida, sem forma e efêmera entre indivíduos que convivem em uma sociedade, do indivíduo consigo mesmo e do indivíduo com o meio.

Cabe aqui salientar que tal dinâmica, favorece o aparecimento de patologias como a ansiedade, estresse e depressão. Com o nível de angústia aumentado por conta das relações modificadas e sua dinâmica, percebemos que nós, não nos demos conta do desapego à espera, à reflexão e agimos em ato contínuo. Ora vivendo no passado, depressão, ora perplexo com o presente, estresse, ora aflitos quanto ao futuro, ansiedade.

No que diz respeito em “agir em ato contínuo”, houve um experimento realizado no ano de 1974 em um estúdio na cidade de Nápoles/Itália, onde a artista performática Marina Abramovic (1974), se colocou a disposição dos expectadores com somente duas instruções que dizem: “*Existem 72 objetos a sua disposição e você pode usar como quiser em mim*” e “*Eu sou um objeto. Durante as seis horas eu assumo qualquer responsabilidade pelo que acontecer*”. Diante disso, Marina dispôs os 72 objetos sobre mesas que poderiam dar prazer ou dor. Em uma mesa, por exemplo, estavam objetos como batom, vinho, uvas e na outra, tesoura, garfo, faca, chicote e uma arma carregada com uma munição. Com estes objetos, o público estava convidado para fazer o que quiser com a artista que ficou à disposição por seis horas. Logo, no início, o público reagiu com precaução e pudor, mas logo depois, os espectadores começaram a atuar com violência e agressividade, deixando a artista ao final, com as roupas rasgadas, em um segundo momento nua, tratando-a como uma boneca, sendo o mais chocante, apontar a arma carregada para Abramovic. Nesta *performance*, a artista pôde concluir que a tirania, a dominação e a superioridade estão tão fortes e presentes no âmago humano.

Sobre este último parágrafo, a despeito de a tirania, dominação e superioridade nos acompanharem em uma jornada de nossa vida, a um pressuposto em Bauman (2000) com relação à amizade. Conforme Bauman (2000) expõe, esse é o laço

mutuo que tem seus alicerces abalados em tempos modernos, pois para se conectar/desconectar de alguém basta apertar um botão. Ninguém hoje em dia suporta o ônus da relação. Bauman (2011) conta que um aluno, certo dia lhe perguntara quantos amigos o professor tinha, ao passo que respondeu ao aluno que tenha não mais que cinco. O aluno sorriu e disse “como pode o senhor tão velho ter poucos amigos e eu tão jovem ter mais de 500?”. Bauman (2011) sorriu de volta e ensinou: - “talvez quando eu falo a palavra amigo, seja em um sentido diferente de quando você fala”.

Mas a definição de amizade mais pura da história está contida nos “Ensaio” de Michel de Montaigne (1580) onde ele dedica um capítulo ao amigo BOÉTIE que, para a surpresa de Montaigne, deixou todos os seus escritos como herança. E diz Montaigne que:

“Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu.”
(MONTAIGNE, 1580, p. 98)

3 CONCLUSÃO

Como podemos observar as idéias aqui propostas pelos três autores são semelhantes no que diz respeito à servidão e o indivíduo, cada qual em seu campo de saber, ambiente, tempo cronológico sendo assim, caminham na mesma via, direção e sentido, sendo que Boétie (1948) transparece de forma embutida em Freud (1921, 1927, 1930) e Bauman (2000).

Boétie (1548) ao relatar a sociedade de seu tempo aponta um modelo de que o homem é escravo por opção e não se dá conta disso. Já Freud (1921) aponta que o indivíduo faz suas escolhas e através de suas vivências, experiências e comportamentos, regula sua vida em uma determinada direção. Bauman (2000) vai um pouco mais além e diz que as relações no mundo moderno são líquidas, se adaptam facilmente, se moldam, porém logo se transformam.

A exclusividade de poder não é uma possibilidade. Para conquistar esta individualidade na modernidade líquida vale tudo, como o consumo exacerbado em

busca de ser aquilo que a sociedade demanda. As pessoas tornam-se escravas do que é posto como liberdade e que lhe fará mais feliz e irá mudar sua vida.

À massa ou ao indivíduo enredado no seu desejo ilusório, Freud (1921) contrapõe uma singularidade animada por um inconformismo que pode chegar à revolta para atingir sua liberdade. A passividade, a resignação, o conformismo, a obediência não são um destino ao qual estamos condenados na nossa vida em grupo.

Podemos então traçar um paralelo com nossos dias atuais, fazendo um comparativo com as redes sociais e à servidão por elas expressadas, por um povo no geral que se encontra alienado às redes, sem compromisso, que muitas vezes demonstra inverdades, onde vivendo no mundo cada vez mais distópico, todos são felizes e que na verdade, escondem algumas patologias como descrito acima. Um mundo virtual onde sou escravo de um algoritmo, pois sem um endereço eletrônico, não consigo me cadastrar em uma conta no *Facebook* ou mesmo se não tiver um número de telefone celular, não posso adquirir uma conta no *Whatsapp*. Tudo isso não deixa de ser voluntário, pois temos o livre-arbítrio para escolher entre ter ou não tais plataformas de comunicação da atualidade, incidindo sobre o indivíduo um labirinto no qual o homem se vê sem saída e, portanto, se submete às vontades alheias, eliminando e subjugando o Eu ideal em relação ao ideal do Eu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOÉTIE, Etiënne de la. **O discurso da servidão voluntária**. Trad. Casemiro Linarth. São Paulo: Martin Claret, 2017. Ed. Bilíngüe.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**; Tradução Paulo Cezar de Souza. –São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 1ª Ed.

_____. **O futuro de uma ilusão e outros textos**; Trad. Paulo Cezar de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 1ª Ed.

_____. **O mal-estar na civilização e outros textos**; Tradução Paulo Cezar de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 1ª Ed.

MONTAIGNE, Michel. **Ensaio**; Trad. Sergio Milliet. – São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1972. 1ª Ed.

UOL. **Artista divulga fotos de experimento de 1975 e choca pela semelhança com a violência dos dias atuais**. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/o-viral/2017/04/20/artista-divulga-fotos-de-experimento-de-1975-e-choca-pela-semelhanca-com-violencia-dos-dias-atuais/index.html>